

RESENHA

BORNHEIM, Gerd A.

O idiota e o espírito objetivo.

Porto Alegre, Globo, 1980. 210 pp.

O Prof. Gerd Bornheim dispensa quaisquer apresentações. É autor de diversos livros sobre Sartre, Heidegger, Hegel e Marx, além de outros trabalhos em revistas, entrevistas, conferências e cursos ministrados em todo o país. Seu livro **Dialética, Teoria e Práxis** alcançou uma grande repercussão, tendo a sua primeira edição já esgotada e a segunda em vias de organização. Notáveis, também, seus trabalhos sobre o teatro, principalmente **O Sentido** e a **Máscara**, livro pequeno, porém, de alto conteúdo crítico. Sua área de atuação presente concentra-se em torno da Estética, sendo o presente trabalho a reunião de quatro ensaios inéditos.

No primeiro ensaio, que dá o nome ao livro, é discutido o último grande ensaio de Sartre, **O Idiota da Família** cujo enfoque principal centra-se na impossibilidade de esconder um homem: Flaubert.

Até que ponto pode-se conhecer o homem?, eis a pedra de toque da análise sartriana. O projeto humano implica a vivência que é o espaço interior temporizado. O conceito de vivência é muito mais abrangente que o de consciência, já que essa última atua apenas no plano racional enquanto que a primeira pressupõe um campo irracional atuando abaixo do limiar da consciência.

A crítica do autor se faz em dois planos: No primeiro, analisa a relação dialética entre **ser e fazer**, isto é, o homem fazendo é que se faz e vice-versa. Logo, é a própria história do homem, a sua ação que está em jogo. O homem é o produto da sua história e, nesse aspecto, a sua biografia é tão importante quanto a sua obra.

No segundo, analisa o Espírito objetivo, ou seja, as condições sociais, culturais e ideológicas sem as quais o homem não é. O homem é o espelho de sua época, da sua sociedade, o que equivale dizer que nós somos os outros.

Sendo o homem multidimensional, equívoco, portanto, ele é o Singular-Universal a que Sartre faz menção, O que Sartre mostra, na verdade, é que na análise da vida de um homem, seja ele Flaubert ou o seu **valet de chambre**, conhecemos sempre o mesmo homem. Cada homem, sendo outro que não ele mesmo, nunca se reduz ao outro.

À tese sartriana de que o homem é uma paixão inútil, porque reduzido a si próprio, Bornheim opõe a antítese — ele é uma paixão útil, justamente porque é, além de insubstituível, feito para ser reinventado a cada instante, “O Ser-no-mundo” dentro de determinado contexto histórico-social.

Outro aspecto focalizado é a relação entre a psicanálise, o marxismo e o pensamento sartriano. Não se pode, nos dias atuais, prescindir dessas duas vertentes que são pontos-chaves para qualquer hermenêutica. Porém, e este é um ponto básico em toda a sua análise, não podemos reduzir o indivíduo à sua infância. Ele é condicionado por ela, bem como traz as marcas do condicionamento social, mas transcende essas limitações. Assim, também, é que a arte não se reduz ao artista. O que a psicanálise explica é o processo criador e não, a obra de arte.

A arte não se explica; sente-se, eis tudo. Segundo as palavras do próprio autor: “O sentido da arte não se revela na descoberta de um “mesmo” mais ou menos fixo, e sim na vivência da obra como “outra” que não se reduz a outras” (p. 67).

Nos outros dois pequenos ensaios que se seguem, **Ideologia, Ciência e Poder** e **Filosofia e Realidade Nacional**, é traçado o itinerário percorrido pela ideologia cientificista na atual conjuntura em que estamos inseridos. Mostra o já conhecido problema de uma ciência em nada inocente, manipulada pelos poderes cada vez mais absolutos, implicando-se dialeticamente.

Trata, também, da possível significação de uma filosofia brasileira.

Dado que o atual conceito de cultura é diferencial por oposição ao conceito genérico tradicional, torna-se absurda qualquer tentativa reducionista. A propósito,

cita o autor Darcy Ribeiro quando expressa que “as culturas não são superiores nem inferiores, senão diferentes” (p. 138).

Concluindo a sua análise, Bornheim indica que, embora a descoberta das diferenças traduza nada menos do que a crise do mundo Ocidental, esse “mundo partido” ao qual alude Gabriel Marcel, ela alarga os horizontes humanos. Sendo o século XX o século da conscientização do homem, a consciência das diferenças universaliza-se transcendendo as mesmas.

Dentro desse contexto, o papel da Filosofia só pode ser eminentemente crítico, questionador da realidade nacional vigente e suas conseqüentes vinculações ideológicas.

Para finalizar, analisa no quarto ensaio os impasses da categoria da totalidade em Hegel.

O sentido do processo dialético desemboca numa Teleologia que assegura a Idéia Absoluta, o “Sistema da Ciência”. Porém, se a síntese hegeliana explica tudo, ela nada explica, já que para o nosso tempo o importante é pensarmos “a diferença enquanto diferença”. Este é o impasse heideggeriano que pensa o Ser enquanto desvelamento, morada do sentido, não mais como conceito absoluto.

A nossa dimensão histórica é medida pela noção de descontinuidade, ruptura, corte epistemológico. Desde já, todo e qualquer vínculo com a categoria da totalidade está cortado.

Dadas essas premissas, onde buscar o sentido do processo dialético? Responde o autor que foi Sartre, depois de Marx, quem levou às últimas conseqüências a crítica à totalidade através da distinção entre totalidade e totalização.

O conceito de totalização indica a perenidade do processo dialético já que o homem e a natureza implicam-se numa relação contraditória, desconhecendo qualquer síntese superadora.

No horizonte da experiência humana, duas vias nos remetem à categoria da totalidade. Uma delas refere-se à obra de arte, síntese da totalidade concreta, realizada. A outra diz respeito à práxis humana.

Caberia aqui colocar uma proposta ao leitor. Repensar o papel da arte como mobilização da afetividade, quebrada pelo pensamento conceptual objetivante. Assim sendo, ela harmoniza os contrários no homem e na natureza, fundindo-os numa mesma totalidade desalienante, porque fruto de um diálogo profícuo, sempre crescente e renovado.

Maria Helena ZILBERBERG
Doutora em Filosofia – UFRJ

GUERREIRO RAMOS, Alberto.

A nova ciência das organizações: uma reconceituação da riqueza das nações.
(*The new science of organization*). Trad. de Mary Cardoso.
Rio de Janeiro, Ed. da Fundação Getúlio Vargas, 1981. XXII, 210 pp.

Trata-se de uma obra que surpreende o estudioso de filosofia pelo seu conteúdo. É que, apesar do caráter técnico, a se julgar pelo título, o livro se desenvolve numa direção eminentemente filosófica na medida em que procura mostrar os fundamentos últimos que estão na base da teoria da organização.

Em linhas gerais, Guerreiro Ramos descreve como toda a teoria moderna da organização está fundada no conceito de razão entendida como cálculo utilitário de conseqüências, por ele denominada Racionalidade Funcional.

A racionalidade funcional opõe a racionalidade substantiva, a única capaz de determinar validamente a essência da verdadeira política, sendo ao mesmo tempo o requisito essencial para a vida humana bem organizada.

Em apoio à sua tese invoca a autoridade de Max Weber, com base no que o sociólogo alemão teria concluído se tivesse tido a experiência das circunstâncias históricas presentes, em que os efeitos negativos da concepção funcional da racionalidade se fazem sentir na organização social. Com efeito, quando Max Weber fez a distinção entre *Zweckrationalität* (racionalidade funcional) e *Wertrationalität* (racionalidade substantiva) considerou ambas como alternativas igualmente válidas por não ter condições de testar as suas consequências.

Segundo Guerreiro Ramos, a organização social das sociedades industrializadas do Ocidente se desenvolveu conforme os critérios da racionalidade funcional, dando como resultado a sociedade centrada no mercado, cuja expressão maior é a sociedade norte-americana.

Esta sociedade reduziu o homem a uma só dimensão: a do mercado. Por isso é uma sociedade unidimensional que aliena o indivíduo, esvaziando-o de sua verdadeira essência.

Ante essa realidade Guerreiro Ramos propugna e defende a possibilidade de uma saída através da constituição de grupos, mais ou menos reduzidos, em que o indivíduo possa realizar-se mais plenamente, fugindo aos determinismos impostos pela estrutura e mentalidade de mercado da sociedade existente.

Inferese que o ideal seria a transformação radical da sociedade, substituindo-a por outra que respondesse aos critérios da racionalidade substantiva. Mas, ante a sua inviabilidade concreta e imediata, opta-se pela criação de espaços mais ou menos amplos onde esse critério possa ser aplicado.

No conjunto, o livro de Guerreiro Ramos aborda dois temas bem definidos: a questão da Racionalidade e a questão das condições para que tanto a Ciência Social quanto a Ciência da Organização sejam verdadeiramente científicas.

O desenvolvimento desses temas leva o autor a uma crítica das sociedades industrialmente desenvolvidas, com a proposta de sua total transformação para que o homem, enquanto indivíduo, possa recuperar a sua essência que é constituída de liberdade e de autonomia.

É importante salientar os veículos que esta obra tem com as anteriores, do mesmo autor, em particular com "A Redução Sociológica", publicada em 1958 pelo ISEB. Em todas é manifesto o quanto a fenomenologia influíu na reflexão do pensador brasileiro capacitando-o para a produção de uma análise da sociedade contemporânea, análise que pode ser considerada uma das mais lúcidas de nossa época.

J. Silveira da Costa
Departamento de Filosofia — UFRJ